
**Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil**



Edição Especial N.7. Set./Dez./ 2019 p. 70-87

ISSN: 2237-0315

Dossiê: Crianças, mídias e mediações

Material educativo virtual para a infância: inserção nos espaços culturais e construções identitárias

Virtual educational material for children: insert in cultural spaces and identity constructions

Silvia Sell Duarte Pillotto

Rita de Cássia Fraga da Costa

Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE

Carla Clauber da Silva

Secretaria de Educação da Rede Municipal de Joinville

Joinville-Santa Catarina-Brasil

Resumo

Este artigo é um recorte da pesquisa “Educação patrimonial para a infância”. Essa investigação iniciou-se em 2010, desdobrando-se até 2018 em um núcleo de pesquisa em arte na educação, inserido numa universidade. Neste artigo, o objetivo é potencializar materiais educativos virtuais para a infância, compreendendo os espaços culturais como receptores das relações de aprendizagem e construções identitárias. A pesquisa intervenção, de cunho qualitativo, envolveu um grupo de 60 crianças e seis professores do ensino fundamental I, da rede pública municipal de Joinville. Os resultados apontaram que materiais educativos virtuais e o acesso aos espaços culturais podem potencializar experiências e outros modos de aprendizagens e construções identitárias na infância.

Palavras-chave: Infância. Material Virtual. Espaços Culturais.

Abstract

This article is part of the research “Heritage education for children”. This investigation started in 2010, developing until 2018 into a center for research on art in Education, at a university. In this article the objective is to enhance virtual educational materials for children, understanding cultural spaces as receptors of learning relationships and identity constructions. In this qualitative intervention research, a group of 60 children and six primary school teachers were involved, in the Joinville municipal public school system. The results showed that virtual educational materials and access to cultural spaces can enhance experiences and other modes of learning and identity constructions in childhood.

Keywords: Childhood. Virtual Material. Cultural Spaces.

Material educativo virtual para a infância: inserção nos espaços culturais e construções identitárias

Introdução

O presente artigo tem como objetivo potencializar materiais educativos virtuais para a infância, compreendendo os espaços culturais como receptores das relações de aprendizagem e construções identitárias. As reflexões tangem especialmente as construções identitárias e o sentimento de pertença e autoria, por meio de um Material Educativo Virtual (MEV), composto de jogos e caminhos imagéticos.

Este texto é um recorte da pesquisa “Educação patrimonial para a infância”, que foi realizada no Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE), com início em 2010, desdobrando-se até 2018. O referido núcleo foi criado em 2003 com o propósito de desenvolver pesquisas na área de educação com ênfase em arte/cultura, infância e educação patrimonial. Atualmente as investigações estão atreladas a duas linhas de pesquisa, na Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), o que possibilita a ampliação de temáticas como: Educação, Linguagens e Práticas Educativas, que analisa as linguagens/expressões das artes (visual, sonora e corporal) no âmbito da educação, bem como as práticas educativas e seus desdobramentos na escola, pautadas nas artes, nas novas tecnologias e nas culturas; e Educação Estética e Processos de Criação, que investiga práticas educativas e culturais com foco na educação estética e em processos de criação no âmbito da educação.

Este artigo, portanto, dialoga teoricamente com as linhas de pesquisa, as quais se baseiam em alguns autores: Lévy (1999), Lemos (2008) e Prensky (2001), que subsidiam os estudos sobre as novas tecnologias; Kohan (2008), Ostetto (2000, 2008) e Larrosa (2013, 2015), no que concerne à infância e experiência; Hall (2006) e Laraia (1986), que tratam de questões relacionadas às identidades; Kramer (2002, 2008) e Guimarães (2006), que problematizam a autoria da infância nas pesquisas.

No que se refere aos processos metodológicos, utilizou-se a pesquisa-intervenção, pautada em Castro (2008). Tal metodologia compreende que os sujeitos se constituem no âmbito das práticas de significação em situações de compartilhamento. Numa pesquisa-intervenção, os sujeitos são partícipes e autores, pois durante o processo o

pesquisador não assume somente o papel de observador, como também, e sobretudo, de interventor, ao estabelecer com os demais envolvidos na pesquisa uma relação de troca e confiança.

Tendo a pesquisa-intervenção como premissa da investigação, optou-se como estratégia interativa para a produção de dados a organização de grupos de discussão, tendo como referencial teórico/metodológico Dias (2000) e Gatti (2005). Esses autores compartilham a concepção de que um grupo de discussão é uma técnica que reúne pessoas para discutir um tema e que permite que os participantes/interlocutores exponham seus pensamentos, contribuindo para as reflexões do que está sendo pesquisado.

A pesquisa ora apresentada neste artigo, portanto, seguiu pelos caminhos metodológicos da pesquisa-intervenção, com um grupo de 60 crianças e seis professores do ensino fundamental I da rede pública municipal de Joinville. A escolha pela escola pública e ensino fundamental I partiu das análises do núcleo de pesquisa, que constatou em sua produção de dados o pouco acesso às tecnologias e espaços culturais locais da maioria dos professores e crianças de nossa cidade.

Surgiu, então, a ideia de criar um Material Educativo Virtual (MEV), com o objetivo de contribuir com algumas lacunas referentes ao uso das novas tecnologias e às construções identitárias no contexto da escola. Com base nas questões problematizadoras aqui apresentadas, organizou-se o artigo em itens, a fim de aprofundá-las, no sentido de refletir sobre as novas tecnologias e as construções identitárias para crianças e professores.

Os diálogos iniciam-se pelo item “Infâncias: autora/coautora e interlocutora de si e do outro”, o qual discute as novas tecnologias nas interlocuções das crianças consigo mesmas e com o outro, impulsionando a curiosidade, a imaginação e as construções identitárias. Ressalta que na atualidade as experiências e os processos de aprendizagem são mediados também pelas novas tecnologias, que é um veículo de expressão e comunicação (LEVY, 1999).

O item “Material Educativo Virtual: construções identitárias” narra o percurso do núcleo de pesquisa durante a criação do Material Educativo Virtual (MEV), delineando sua concepção ao reconhecer que as novas tecnologias alteram as formas de pensamento, comunicação e de interação do sujeito. Duas questões problematizadoras foram o fio

Material educativo virtual para a infância: inserção nos espaços culturais e construções identitárias

condutor para a criação do material: *Como os espaços culturais são tratados nas práticas educativas com crianças? Como potencializar o uso das novas tecnologias com as crianças, consideradas nativas digitais?*

Em “Percurso interativos: práticas educativas para a infância” descreve-se o processo metodológico da pesquisa, enfatizando os grupos de discussão, que envolveram os professores. Ainda nesse item, relata-se a expedição cultural aos espaços locais da cidade com os professores, organizada pelo núcleo de pesquisa. Também será dada ênfase à apresentação do Material Educativo Virtual (MEV) aos professores, em que se desencadearam experiências que lhes possibilitaram a reflexão crítica sobre as práticas educativas com as crianças.

No item “Percurso de autoria: singularidades e interações” a ênfase fica por conta do processo metodológico vivido entre as crianças com o Material Educativo Virtual (MEV). Descreve-se a expedição cultural destinada especialmente para as crianças, que percorreram o mesmo itinerário dos professores. Reflete-se, ainda, sobre a evidência do desejo das crianças para registrar os acontecimentos, manifestado principalmente por meio de desenhos. As experiências mobilizadas pelo Material Educativo Virtual (MEV) e pela Expedição Cultural potencializaram os processos de aprendizagens virtuais, de interação e de autoria das crianças.

E por fim, nas “Considerações finais”, retomam-se as problematizações iniciais, destacando os resultados da pesquisa e reiterando a importância das novas tecnologias como potencializadoras nas aprendizagens digitais e construções identitárias das crianças e professores.

Infâncias: autora e interlocutora de si e do outro

O objetivo do Material Educativo Virtual (MEV) pautou-se na criança e suas poéticas, nas construções identitárias, na autoria e na interlocução de saberes, aprendizagens e culturas. Pensar a criança hoje é entender que as infâncias são constituídas por tempos/lugares ou ainda como sujeito que possui singularidades e

intercambia o meio cultural em experiências de si e do outro, que a levam a aprender e a viver de forma compartilhada com os que a cercam.

No contexto atual, é importante compreender a infância “a partir do que ela tem e não do que lhe falta: como presença e não como ausência; como afirmação e não como negação, como força e não incapacidade” (KOHAN, 2008, p. 41). As crianças são também construtoras de identidades e partícipes dos processos de interação com o outro e com os lugares e objetos que as cercam. Libertas em seus pensamentos, imaginam e criam, transformando o real em imagético e o imagético em real. Seu reino é o “do faz de conta..., e se as coisas fossem de outro modo...? A forma única, e, a uma só vez, múltipla de todo acontecimento...” (KOHAN, 2008, p. 47).

Nesse lugar de ser criança não há mentiras ou verdades; nesse reino instala-se a vontade, vontade de imaginar e criar situações inusitadas, e longe de qualquer amarra, que tolha o seu desejo de fantasiar. Portanto, como afirma Larrosa (2013, p. 185), “uma criança é algo absolutamente novo que dissolve a solidez do nosso mundo e que suspende a certeza que nós temos de nós próprios”.

Nessa perspectiva, em especial quando consideramos o mundo tecnológico, faz-se necessário compreender que o tempo das crianças não está atrelado à lógica linear, que se reduz a um tempo mensurável. O tempo que potencializa a autoria, a imaginação e a invenção; são movimentos com múltiplos acontecimentos.

O imaginário infantil é mobilizado também pela curiosidade e por movimentos de busca e aprendizagens. Não acontece imediatamente, pois o tempo linear controlado pelo adulto em suas práticas educativas nem sempre segue o ritmo do tempo-espera da criança. É fundamental, portanto, deixar que as coisas aconteçam em seu ritmo de ser criança, caso contrário prevalecerá apenas a lógica do adulto determinada cronologicamente e de forma linear. Como adverte Ostetto (2008), isso pode reduzir as experiências estéticas, culturais e afetivas da criança.

Ainda sobre o tempo da criança, Kohan (2008) reitera que o tempo da vida não é somente movimento numerado e que esse outro modo de ser temporal pode ser entendido como um modo de ser da criança. Se uma lógica temporal está presa aos números, a outra está vinculada ao brincar com o tempo e com o movimento da imaginação. Um tempo não numerável, nem sucessivo e contínuo, e sim, sobretudo, intenso.

Material educativo virtual para a infância: inserção nos espaços culturais e construções identitárias

Nesse contexto, as novas tecnologias, cada vez mais, atravessam as experiências da criança e possibilitam outras maneiras de aprender e, conseqüentemente, de perceber a si mesma e ao outro. As novas tecnologias impulsionam a investigação e a curiosidade das crianças e podem contribuir com a ampliação da sua percepção, criação e imaginação. Oportunizam também a construção de novas identidades, que incluem componentes ativos do processo educacional, envolvendo a autonomia, a interlocução com outros e a autoria.

Portanto, as novas tecnologias podem se tornar veículo de expressão e comunicação, fazendo parte do tecido das experiências e processos de aprendizagem das crianças, o que implica interações e criação de sentidos. Assim, como podemos mobilizar a autoria das crianças no mundo tecnológico, que hoje se configura também em um lugar de identidades? A autoria aqui é compreendida como prática de construção poética e lúdica em diálogo com o mundo, em que as crianças são livres para pensar, criar, sentir e expressar suas singularidades. Trata-se de uma concepção lúdica de autoria que equilibra criação individual com apropriação cultural e compartilhamento social (OSTETTO, 2008).

A dimensão poética é compreendida aqui como criação inventiva e imagética, como afirma Maffesoli (1998). O autor destaca o imaginário midiático, referindo-se à atmosfera ou matriz, presente nos sistemas de textos, imagens e configurações, que caracterizam a cultura das mídias. Assim, o imaginário agrega subjetividades, imagens, sons e emoções. As tecnologias, nesse sentido, potencializam a coletividade, a qual se conecta às várias identidades, promovendo a dinâmica do ser no mundo, especialmente por conta do sentimento e da necessidade de estar junto e de pertencimento cultural.

As interações entre as crianças vão se constituindo em um modo próprio de agir e pensar; elas descobrem que existem crianças com outros pontos de vista, outros interesses, outras culturas e outros sentires. Ao mesmo tempo em que participam de relações sociais, elas constroem sua autonomia de reciprocidade e de interdependência.

Portanto, é fundamental que a criança experimente os processos tecnológicos por meio de gestos, de palavras e de cenas imaginadas ou reais, sentindo-se interlocutora e autora de seus pensamentos e fazeres, conectados também com outras crianças. Ou seja, uma concepção colaborativa de autoria e pertencimentos culturais.

Com base em tais pressupostos o núcleo de pesquisa pensou na criação de um Material Educativo Virtual, com o objetivo de articular as tecnologias, as construções identitárias, tendo na autoria de criação e na interlocução de aprendizagens e culturas da criança o fio condutor.

Material Educativo Virtual: construções identitárias

A presença das novas tecnologias no cotidiano das pessoas traz mudanças de paradigmas de pensamento, que alteram as formas de comunicação e criam novas possibilidades de interação humana. Ainda, potencializa os processos de aprendizagem e de autoria, redesenhando um novo perfil identitário. Sua inserção configura-se num ambiente cibercultural, passando pela informação e comunicação, até situações práticas do dia a dia, como: lazer, jogos virtuais, compra e venda de produtos, entre outros.

Levy (1999, p. 11), sobre essa questão, destaca a cibercultura, afirmando que esta “surge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias”, produzindo novas formas de relações entre os sujeitos. Segundo Prensky (2001), as crianças experimentam outras interações de comunicação, de lazer, de aprendizagem e de autoria, fazendo parte de uma nova geração – a dos “nativos digitais”. Ainda para o autor, as crianças têm familiaridade com os meios digitais e habilidades para múltiplas tarefas ao mesmo tempo.

Ao considerar a importância de garantir o acesso das crianças às novas tecnologias, o núcleo de pesquisa decidiu pela produção de um material virtual que dialogasse com essas formas de comunicação e interação trazidas pelas novas tecnologias, tendo a criança como centro da criação do referido material.

Para a criação do material optamos pelos principais locais culturais da cidade, aqueles mais conhecidos e frequentados pelas escolas: Museu Nacional de Imigração, Estação da Memória, Museu Sambaqui e Museu Casa. Após a escolha dos locais, investigamos em documentos, revistas e livros a história desses espaços: como foram construídos, com que finalidade, qual o valor cultural para a cidade etc.

Material educativo virtual para a infância: inserção nos espaços culturais e construções identitárias

O passo seguinte foram os registros desses espaços em fotos, filmagens e breves anotações do que era considerado importante para constar no material. Após a produção de dados, refletiu-se quais linguagens comunicacionais atrairiam mais a atenção das crianças para com o material virtual. A partir de outros estudos já realizados sobre arte na infância, definiu o desenho como uma linguagem/expressão muito próxima das crianças e apropriada para a produção do Material Educativo Virtual (MEV).

O desafio seguinte foi agrupar os registros (fotos, filmagens e anotações) transformando-os em desenhos para a produção do Material Educativo Virtual (MEV) – um DVD. Os desenhos foram criados pelo núcleo, que utilizou as tecnologias e todos os percursos aos espaços culturais, dando ênfase aos processos históricos e imagéticos.

O DVD foi composto também por uma apresentação impressa e personagens criados pelos pesquisadores, tendo o Patrinho e a Patrinha como guias para acompanhar as crianças no universo dos jogos, das informações, dos percursos inusitados, escolhendo os seus próprios caminhos. No Material Educativo Virtual (MEV) as crianças puderam escolher por onde navegar, seja pelas informações dos espaços ou com os jogos apresentados, exercendo sua autonomia. O DVD também permite que se estabeleçam relações afetivas com os personagens e lugares, criando outras narrativas de sua autoria (OSTETTO, 2000).

Pelo jogo a criança expressa seus saberes, as regras e os valores de convívio com a realidade, ao mesmo tempo em que as reelabora criativamente, relacionando-se entre si e ressignificando novas possibilidades de percepção e produzindo outros sentidos.

Outro aspecto relevante do Material Educativo Virtual (MEV) é a preservação da memória de pessoas, objetos, lugares como uma prática social e humana; para Oliveira (2008), são conteúdos inter-relacionados e vinculados à determinada sociedade e ao seu patrimônio. Laraia (1986) também destaca que as construções identitárias são constituídas por repertórios culturais articulados às experiências de cada sujeito, o que resulta em um comportamento social.

Hall (2006, p. 13) afirma que a identidade cultural integra um conjunto de sentidos que estrutura a vida do sujeito ou de seu grupo social. São identificações construídas nas relações culturais e nas quais “[...] somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar”. Assim, o material trouxe uma pluralidade de culturas presentes em diferentes espaços e histórias, mobilizando o sentimento de pertença e as construções identitárias de crianças e professores.

Após a produção do Material Educativo Virtual (MEV), convidamos os professores do Ensino Fundamental I da rede municipal de educação de Joinville para participarem da pesquisa, que nessa etapa teve como objetivo a convalidação do Material Educativo Virtual (MEV) nas práticas educativas dos professores destinadas às crianças.

Manifestaram desejo de participar da pesquisa seis professores; com eles constituiu-se um grupo de discussão, que se reuniu três vezes, em encontros de três horas, com o propósito primeiro de abordar as seguintes reflexões: *Como os espaços culturais são tratados nas práticas educativas com crianças? Como potencializar o uso das novas tecnologias com as crianças, consideradas nativas digitais?*

Nos encontros do grupo de discussão os professores reiteraram a necessidade de ter contato com um material virtual que os auxiliasse nas práticas com as crianças, uma vez que tinham pouco acesso aos espaços culturais locais e fragilidades no uso das novas tecnologias. Essa constatação confirmou a necessidade da produção do Material Educativo Virtual (MEV).

Percursos interativos: práticas educativas para a infância

Nos encontros do grupo de discussão os professores propuseram uma expedição pelos espaços culturais da cidade, pois a curiosidade tomou conta do grupo ao interagir com o Material Educativo Virtual (MEV) e também pelo desconhecimento desses espaços. O desafio foi acolhido pelos pesquisadores, que entenderam que tal experiência seria potente para as questões da pesquisa, especialmente em relação à relevância desses espaços como propulsores do sentimento de pertença e de novas construções identitárias.

Durante a expedição cultural, os professores registraram os lugares por meio de fotografias, filmagens e anotações, com a pretensão de captar aquele momento especial e ainda utilizá-los como suporte conceitual e metodológico para as ações educativas com

Material educativo virtual para a infância: inserção nos espaços culturais e construções identitárias

as crianças. Nos locais puderam ressignificar seus saberes culturais, ampliando suas percepções em relação aos espaços e principalmente valorizando essa experiência.

Após a expedição cultural, no encontro com o grupo de discussão os professores sentiram a necessidade de retomar as duas questões problema: *Como os espaços culturais são tratados nas práticas educativas com as crianças? Como potencializar o uso das novas tecnologias com as crianças, consideradas nativas digitais?*

Tal reflexão abriu caminhos para pensar a experiência como imprescindível para os processos de aprendizagem das crianças, que a partir da expedição cultural e da interação com o Material Educativo Virtual (MEV) romperam com suas resistências em relação ao uso de novas tecnologias. Para Larrosa (2015, p. 21), a experiência é algo que modifica o sujeito, concebida a partir da paixão, pois:

[...] não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional.

A experiência dos professores envolveu um tempo para que cada um pudesse conhecer os códigos subjetivos das culturas e das tecnologias, dando formas e sentidos diferenciados em sua maneira de ver, pensar e sentir. Pela experiência puderam compreender que existe sempre uma escolha: o que se olha, o que se quer ver e o que fazer. Para Larrosa (2015), a experiência é algo que nos toca e nos afeta. Requer um tempo para olhar, um tempo para escutar... um tempo para sentir.

Os professores, a partir das experiências, sentiram-se mobilizados a pensar em ações propositivas com o Material Educativo Virtual (MEV). Um desafio que lhes exigia romper com algumas ideias preconcebidas, deslocando-se para outro território – o das novas tecnologias, da imaginação, da criação e das interações. Um percurso que os convidava a experimentar o imprevisível, o inusitado e a magia que poderiam estar presentes nas práticas educativas com o uso das novas tecnologias.

A experiência, portanto, configurou-se como um mapa, que sinalizou impressões importantes, transmutadas em valor para a vida pessoal, profissional e cultural. Nessa

trajetória, os professores se perceberam como sujeitos reflexivos de sua própria prática, exercendo uma criticidade e apostando num processo de reinvenção dos seus fazeres pedagógicos.

Esse processo experienciado pelos professores trouxe à memória a reflexão que Martins e Picosque (2007) fazem sobre o professor-propositor, o qual reinventa a si mesmo e seus modos de fazer ao percorrer lugares antes desconhecidos, deflagrando mudanças em seu cotidiano. Os professores passaram então a investigar as suas práticas, desejando que as crianças também aprendessem pela experiência, reconhecendo seu valor, sabendo que não é suficiente oferecer o Material Educativo Virtual (MEV) apenas como um recurso tecnológico. No entendimento de Freire (2002, p. 52), ensinar é criar possibilidades, estando atento aos acontecimentos, como aborda a seguir: “Quando entro em sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento”.

A vida que se experimenta no ofício de ensinar é uma experiência que habita outra temporalidade; é um convite a criar e movimentar-se para várias direções. É nesse tempo-espaço que o fazer do professor cria a aula, tornando-se um espaço de acontecimentos, de pesquisa, de reflexão e de diálogo.

Assumir uma postura de aprendiz no processo de ensinar crianças, de refletir sobre as práticas, de estar atentos aos encaminhamentos metodológicos sobre o processo de aprendizagem é fundamental no ofício de ser professor. É o encontro entre os saberes e os conhecimentos que vão atravessando a prática docente e alterando seu percurso, tornando-a um processo sempre inacabado em vias de se fazer.

Ensinar e aprender tornam-se processos imbricados nos encaminhamentos metodológicos e dos próprios sujeitos que partilham experiências singulares: ensinam e aprendem ao mesmo tempo em que vão constituindo suas identidades. É um deixar-se atravessar que transforma seu fazer quando o ensino é experimentado, provocando a possibilidade de transformar o que se pensa e o que se faz, e com isso o modo como se é professor, exercendo seu ofício. Um tempo-espaço do qual nascem as perguntas quando o fazer se problematiza, abrindo-se para um processo de investigação que explora outras dimensões do que ocorre na sala de aula (FREIRE, 2002).

Material educativo virtual para a infância: inserção nos espaços culturais e construções identitárias

A experiência, quando o professor vivencia seu ofício, abre brechas para pensá-la e, principalmente, para transformar a si próprio, porque é um encontro em que a verdade do que se vive se manifesta na sua própria subjetividade, constituindo um processo criativo por excelência.

Percursos de autoria: singularidades e interações

Os professores iniciaram seus percursos educativos e de criação com as crianças tendo como base o Material Educativo Virtual (MEV), potencializando o uso do menu, o qual possibilita que cada criança decida por qual caminho deseja percorrer. O objetivo dessa prática foi compreendido pelos professores como forma de permitir que as crianças exercitassem a sua autonomia. Após várias experiências das crianças com o Material Educativo Virtual (MEV), os professores também organizaram com o núcleo de pesquisa uma expedição cultural especialmente para elas nos espaços presentes no MEV.

No grupo de discussão, os professores narraram as impressões das crianças durante toda a expedição, desde a curiosidade em sair do ambiente escolar, viajar de ônibus, até o encantamento pelos espaços culturais e a relação com o Material Educativo Virtual (MEV). Vale destacar que, assim como os professores, a maioria das crianças desconhecia muitos dos espaços visitados.

Durante a expedição cultural, as crianças manifestavam-se por meio do corpo, do desenho e da oralidade com frases, que evidenciavam suas aprendizagens, como é o caso da criança A: *“Bem legal esse lugar [Museu Sambaqui]. Tem caveiras e ossos de gente que morreu há muito tempo, né, profe? Será que eram parentes da gente? E essa coisa aqui [objeto em cerâmica] servia para colocar comidinhas dentro? Eles tinham geladeira e fogão? [referindo-se aos primeiros habitantes da região]”*.

Tal narrativa da criança A apresenta as relações identitárias pensadas e construídas, na medida em que relaciona suas experiências entre espaços temporais diferentes. O que isso tem de relevante? É a compreensão do diálogo presente/passado que expressa as conexões e os sentimentos de pertencimento dos espaços, objetos e pessoas. Já a criança B faz a seguinte narrativa: *“Profe, perto da minha casa tem uma*

montanha de conchinhas, ossinhos, essas coisas. Não sabia que isso era importante, às vezes pulamos a cerca para pegar algumas coisinhas e brincar.... Não pode, profe? [referindo-se a um morro de Sambaqui próximo a sua casa]”. Essa fala sinaliza a importância de garantir às crianças experiências que lhes possibilitem a interação com os espaços culturais, ampliando suas referências de identidades.

O que a criança aponta como importante evidencia sua relação com o espaço da sua casa e o espaço público cultural, mobilizada por um sentimento de pertença e de autoria. Para Guimarães (2006, p. 69), “[...] se considerarmos uma criança ativa, exploradora e criadora de sentidos, é preciso pensar um espaço e um educador que dêem apoio aos seus movimentos, que incentivem sua autoria e autonomia, que contribuam para a diversificação de suas possibilidades”.

Compreender a educação como mobilizadora da capacidade das crianças de produzir sentido sobre o mundo, e não repetir padrões já existentes, implica pensar a importância do papel do professor no processo de aprendizagem delas. Ou seja, é necessário levar em conta o diálogo com a expressividade das crianças, o incentivo às suas capacidades de criar cenas, narrativas (com vários suportes), invenção de situações, soluções inusitadas para as questões que emergem no coletivo, permitindo-lhes prosseguir, testar suas hipóteses, experimentar formas novas de relação e sustentar o que constroem.

De volta à escola, o desejo das crianças canalizou-se para o registro da experiência em desenho. As criações revelaram os sentidos produzidos em forma de espaços, texturas, cores, linhas, trazendo elementos considerados significativos para elas, a exemplo: a bicicleta, o transporte bastante utilizado na cidade; a rua das Palmeiras em frente ao Museu Nacional de Imigração; e outros elementos e temáticas que agregavam múltiplas culturas locais.

Kramer (2008) considera que a criança é sujeito da linguagem e da cultura e que essa compreensão é base para reiterar as suas interações com os adultos e com seu entorno. Os vínculos afetivos constituídos nessas relações flexibilizam o interesse e o engajamento em atividades sociais e culturais.

Nas práticas educativas, as crianças foram provocadas pelos professores a pensar na cultura local a partir do Material Educativo Virtual (MEV) e das expedições culturais. O objetivo central dos professores foi desenvolver o sentimento de pertença, mobilizando

Material educativo virtual para a infância: inserção nos espaços culturais e construções identitárias

as crianças a sentirem-se partícipes do contexto cultural da cidade onde moram e constroem suas identidades.

Cabe ressaltar que os processos metodológicos incluíram várias etapas, entre elas: roda de conversa sobre os espaços culturais; socialização de fotos, calendários, jornais que abordavam a cidade (trazidas pelas crianças e pelos professores); exercícios corporais, explorando corpo e espaço, tanto na sala de aula quanto nos espaços culturais; atividades envolvendo desenho, pintura e colagem com foco nos espaços.

Ao refletir sobre o percurso do núcleo de pesquisa, que se propôs a produzir um Material Educativo Virtual (MEV) para a infância, compreendeu-se que as crianças também foram sujeitos da investigação. Sobre essa questão, Kramer (2002) ressalva que muitas pesquisas envolvendo crianças negam sua identidade e sua autoria, o que implica seu anonimato. A depender do marco referencial que orienta a investigação do pesquisador, muitas vezes a autoria da infância é negada. A referida autora ainda argumenta sobre as questões éticas das pesquisas quando envolvem crianças, pois estas se manifestam de diversos modos, narrando suas histórias, revelando segredos e emocionando-se, ou seja, são autoras.

Na presente pesquisa, as crianças foram sujeitos autorais, e desde o início do percurso o grupo de pesquisa preocupou-se em desenvolver uma escuta atenta a elas, que apontaram, por meio dos professores nos encontros do grupo de discussão e expedição cultural, pistas para todo o processo de investigação e convalidação do Material Educativo Virtual (MEV).

Considerações finais

As duas questões problematizadoras que perpassaram todo o caminho da pesquisa – *Como os espaços culturais são tratados nas práticas educativas com crianças? Como potencializar o uso das novas tecnologias com as crianças, consideradas nativas digitais?* – reiteraram a importância da relação dos espaços culturais e o uso das novas tecnologias com as práticas educativas. Também a pesquisa-intervenção evidenciou a

importância do olhar atento e sensível, da escuta e do acolhimento dos modos de conhecer e fazer num processo investigativo.

Foi possível constatar que a criação de um material educativo conectado com as novas tecnologias potencializou as aprendizagens, as interações, a autonomia e autoria das crianças, impulsionando a curiosidade, a imaginação e as construções identitárias. O sentimento de pertença aos espaços culturais foi se constituindo à medida que as crianças produziam sentidos. Durante o percurso da investigação, elas faziam interlocuções entre os espaços culturais, mediados pelas novas tecnologias, manifestando-se por meio de narrativas e construções autorais.

Os caminhos desta pesquisa foram, pouco a pouco, se alimentando das experiências, narrativas e fruição, tendo como mobilizador o trabalho compartilhado entre o núcleo de pesquisa e demais envolvidos. As interlocuções por vezes trouxeram subjetividades que se tornaram parte do processo, resignificando o próprio modo de se pesquisar.

Vale dizer que o Material Educativo Virtual (MEV) foi e tem sido um canal de sensibilidades, pois as crianças podem restituir e ampliar novas construções identitárias, ao mesmo tempo em que revisitam elementos de sua e de outras culturas. Reafirma também as construções identitárias como importante vetor, em que se faz necessária a conexão com o conceito de cultura como bem de qualquer natureza pertencente ao conjunto da sociedade, que contribui na formação de identidades, aproximando os laços entre coletividade e bens de valor cultural presentes nas relações sociais.

Referências

CASTRO, Lúcia R. Conhecer, transformar(-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens. In: _____; BESSET, Vera Lopes (Orgs.). **Pesquisa-Intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Nau, 2008. p. 21-42.

DIAS, Cláudia A. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p.141-158.2000. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/13748><http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?ddo=0000002621&dd1=a0003>>. Acesso em: 5 mar. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GATTI, Bernardete. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro, 2005.

Material educativo virtual para a infância: inserção nos espaços culturais e construções identitárias

GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. Educação Infantil: espaços e experiências. In: BRASIL. Ministério da Educação. **O cotidiano na Educação Infantil**. Boletim Salto para o Futuro. Brasília, 2006.p.68-77.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KOHAN, Walter O. A infância da educação: o conceito devir-criança. In: _____ (Org.). **Lugares da infância**. Rio de Janeiro: DP&A, 2008. p. 51-70.

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas da pesquisa com crianças. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 41-59, jul. 2002.

_____. Crianças e adultos em diferentes contextos: Desafios de um percurso de pesquisa sobre infância, cultura e formação. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (Orgs.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 163-189.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (Educação: experiência e sentido).

LEMOS, André. As estruturas antropológicas do ciberespaço. In: _____. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2008. p.127-153.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 1998.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. Travessias para fluxos desejantes do professor–propositor. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (Org.). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007. p.349-356.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Cultura é patrimônio: um guia**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

OSTETTO, Luciana E. (Org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil:** partilhando experiências de estágios. Campinas: Papyrus, 2000.

_____. Observação, registro, documentação: nomear e significar as experiências. In: _____ (Org.). **Educação infantil:** saberes e fazeres da formação de professores. Campinas: Papyrus, 2008.p.13-32.

PRENSKY, M. Digital Native, digital immigrants. Digital Native immigrants. **On the horizon**, MCB University Press, Vol. 9, N.5, p.1-6. October, 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2019.

Sobre os autores

Silvia Sell Duarte Pillotto

Pós-Doutora no Instituto Estudos da Criança - IEC na Universidade do MINHO - UMINHO, Braga/Portugal em 2007/2008. Doutora em Engenharia de Produção (Gestão da Qualidade) pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2003); Mestre em Educação (Currículo) pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (1997) Especialista em Fundamentos Estéticos para a Arte na Educação pela Faculdade de Artes do Paraná (1992); Graduada em Educação Artística - Habilitação Artes Plásticas pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina - UDESC (1983) Professora titular nos cursos de Artes Visuais e Pedagogia na Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE e no Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação; Pesquisadora e Coordenadora de Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação - NUPAE, possui experiência nas áreas de Artes, Gestão, Currículo, Avaliação; Infância e Arte/Educação. Avaliadora do INEP, atua nos seguintes níveis da educação: educação superior e pós-graduação.
E-mail: pillotto@gmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4497-2285>

Rita de Cássia Fraga da Costa

Doutoranda em Patrimônio Cultural e Sociedade, pela Universidade da Região de Joinville- UNIVILLE, Mestre em Educação, 2019- UNIVILLE, Licenciada em Artes Visuais, 2016 - UNIVILLE. Bolsista CAPES. Pesquisadora voluntária vinculada ao projeto: Educação, experiência e sensibilidade nas práticas educativas - EDUSENPE- PPGE UNIVILLE. Integrante do NUPAE- Núcleo de pesquisa em Arte na Educação, vinculado a Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE. Integrante do Projeto de Extensão Educação Patrimonial para a Infância, Univille. Integrante voluntária do Projeto de Pesquisa DZart: investigação acerca das possibilidades metodológicas do Design e seu uso nos processos de artesanaria, no Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC, câmpus Itajaí.
E-mail: ritadacostao8@gmail.com
Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7276-7863>

Carla Clauber da Silva

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2015). Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí -UNIVALI (2003). Especialista em

Material educativo virtual para a infância: inserção nos espaços culturais e construções identitárias

Formação na Técnica de Grupo Operativo (1998 - 2000) e em Clínica Psicopedagógica (1994 - 1997), ambas no Centro de estudos psicopedagógicos de Curitiba e em Administração e Supervisão Escolar (1990 - 1991) na Universidade de Nova Iguaçu. Graduada em Pedagogia pela Associação Catarinense de Ensino - ACE (1990). Autora de várias publicações em periódicos, livros e capítulos de livros, destaque para: Uma educação pela infância: diálogo com o currículo do 1º ano do ensino fundamental (2009); Uma Alfabetização pela Infância (2004) e Arte Contemporânea e Educação Infantil (2017). Pesquisadora no Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação - NUPAE, desde 2003. Atualmente é professora da Prefeitura Municipal de Joinville, com experiência na área de Educação, ênfase em Administração Educacional, atuando principalmente nos seguintes temas: currículo, formação de professores, ensino e aprendizagem e infância.

E-mail: carlaclauber@hotmail.com

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5924-8348>

Recebido em: 03/08/2019

Aceito para publicação em: 27/08/2019